

INFLUÊNCIA TRANSLINGÜÍSTICA REVERSA DE INGLÊS (LE) SOBRE PORTUGUÊS (LM) NA SINTAXE DOS ADJETIVOS

Reverse translinguistic influence of English (FL) on Portuguese (NL) in the syntax of adjectives

Bianca Schmitz BERGMANN
Universidade Federal de Pelotas
biancas.bergmann@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2571-0784>

Isabella MOZZILLO
Universidade Federal de Pelotas
isabellamozzillo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8445-9174>

Paula Fernanda Eick CARDOSO
Universidade Federal de Pelotas
paulaeick@terra.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-8405-5305>

RESUMO: Este trabalho busca analisar a influência do inglês como língua estrangeira (LE) sobre a ordenação de adjetivos em português como língua materna (LM). Partindo da hipótese de que a ordenação de adjetivos possa ser influenciada pelo conhecimento em LE, este trabalho verificou as diferenças na ordenação, preferências por posições do adjetivo e quantidade de possibilidades de ordenação apresentada por monolíngues e bilíngues. Foram selecionados dois grupos de participantes — monolíngues (português) e bilíngues (português e inglês) —, que responderam a um questionário e a um teste de construção de sintagma nominal com adjetivos. As respostas foram analisadas com base na revisão teórica, observando as diferenças e semelhanças entre as construções dos grupos. Os resultados demonstram diferenças sutis entre as respostas de monolíngues e bilíngues, em alguns casos possibilitando a percepção de uma possível influência de inglês sobre português a partir da preferência dos bilíngues pela posição pré-nominal em construções que seriam agramaticais em português. **PALAVRAS-CHAVE:** Sintagma Nominal; Bilíngues; Sintaxe; Línguas em contato.

ABSTRACT: This work seeks to analyze the influence of English as a foreign language (FL) on the ordering of adjectives in Portuguese as a native language (NL). Starting from the hypothesis that the ordering of adjectives can be influenced by knowledge in FL, this work verified the differences in ordering, preferences for adjective positions and the number of ordering possibilities presented by monolinguals and bilinguals. Two groups of participants were selected — monolinguals (Portuguese) and bilinguals (Portuguese and English) —, who answered a questionnaire and a noun phrase construction test with

adjectives. The responses were analyzed based on the theoretical review, observing the differences and similarities between the groups' constructions. The results demonstrate subtle differences between the responses of monolinguals and bilinguals, in some cases enabling the perception of a possible influence of English on Portuguese based on the bilinguals' preference for the pre-nominal position in constructions that would be ungrammatical in Portuguese.

KEYWORDS: Noun Phrase; Bilinguals; Syntax; Languages in contact.

INTRODUÇÃO

Apesar de o sintagma nominal (SN) ter uma estrutura muito mais rígida do que a oração, de acordo com Perini (2000), alguns elementos podem ocupar diferentes posições, como é o caso dos adjetivos (A). Em português, alguns adjetivos podem ocupar a posição pré-nominal (1); outros, a pós-nominal (2); e outros, ainda, podem ocupar ambas as posições (3 e 4). Assim, em (1) e (2), a posição é regra categórica, enquanto em (3) e (4) é variável. Confira alguns exemplos:

- (1) Um **mero** apresentador da televisão brasileira
- (2) A blusa **vermelha** de Cláudia
- (3) Um dia **lindo** para passear no parque
- (4) Um **lindo** dia para passear no parque

Em alguns casos, a mudança da posição do adjetivo pode acarretar mudança de sentido ou interferência na gramaticalidade, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

- (5) A menina **pobre**
- (6) A **pobre** menina
- (7) Uma mochila **vermelha**
- (8) *Uma **vermelha** mochila¹

Nos exemplos (5) e (6), é possível observar que a mudança da posição do adjetivo altera o sentido da construção: em (5), com o adjetivo posposto, temos uma menina que é pobre de dinheiro, de posses; em (6), com o adjetivo anteposto, temos uma menina desafortunada, de quem sentimos pena, ou seja, tem um sentido mais avaliativo/subjetivo. Nos exemplos (7) e (8), a mudança da posição do adjetivo interfere na gramaticalidade da construção: o adjetivo “vermelha” parece poder ocupar apenas a posição posposta ao nome (N) e, quando anteposto, causa agramaticalidade.

A gramaticalidade de uma construção é julgada pelos falantes nativos da língua. No entanto, uma mesma construção, como é o caso de sintagmas nominais com diferentes ordenações de adjetivos, pode ser considerada gramatical por alguns e agramatical por outros, demonstrando que há diferenças no grau de aceitabilidade ou gramaticalidade das construções.

¹ Em todas as ocorrências, o asterisco (*) indicará que a construção é considerada agramatical em português.

A hipótese defendida por este trabalho é a de que o conhecimento de uma língua estrangeira possa influenciar na percepção de gramaticalidade e na construção de sintagmas nominais com adjetivos. Essa hipótese foi levantada a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (Bergmann, 2020), em que foi aplicado um teste de julgamento aos participantes composto por sintagmas nominais com diferentes ordenações de adjetivos, em que eles deveriam indicar quais consideravam gramaticais ou agramaticais. A partir das análises das respostas, notou-se que algumas construções agramaticais (a partir do que defendiam Menuzzi (1992), Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) e Brito e Lopes (2016)), apesar de terem alta porcentagem de julgamentos como “agramatical”, tiveram uma quantidade considerável de julgamentos como “gramatical”, como foi o caso da construção “A italiana invasão da França”. A partir dessas observações, passou-se à reflexão dos fatores que teriam levado esses participantes a considerarem tais construções como gramaticais, o que nos levou à hipótese da influência do conhecimento em língua estrangeira, da qual se partiu para a realização deste trabalho, que apresenta um recorte da minha pesquisa de Mestrado (Bergmann, 2023).

Apesar de a hipótese ter sido construída em relação ao conhecimento de línguas estrangeiras de forma geral, neste trabalho, foi analisada a influência do inglês sobre o português. A escolha se deu devido à evidente diferença da posição canônica do adjetivo em português (pós-nominal) e em inglês (pré-nominal), propiciando uma melhor análise da influência. Além disso, diferentes autores revisados (Alexiadou; Haegeman; Stavrou (2007); Cinque (1994; 2010)) que abordavam a questão dos adjetivos apresentavam a relação entre a ordenação desses elementos em línguas românicas (como o português) e línguas germânicas (como o inglês), o que também contribuiu para essa escolha.

Também é importante mencionar o reconhecimento de que as construções realizadas pelos participantes podem ter sofrido outras influências para além do conhecimento em inglês (LE), como questões pragmáticas, grau de conhecimento linguístico ou literário, nível de escolaridade e até mesmo influência de outras LE, por exemplo. No entanto, o recorte era necessário e, nesta pesquisa, concentrou-se a análise apenas da influência do inglês. Esse ponto pode ser visto como uma limitação, mas também é uma possibilidade para pesquisas futuras.

Destaca-se ainda que a hipótese foi levantada pensando na influência em todas as habilidades (leitura, escrita, compreensão e fala), no entanto, devido ao curto período de tempo para a realização do trabalho e à maior facilidade de aplicação dos instrumentos de coleta da modalidade escrita, optou-se por analisar apenas a produção escrita neste momento.

Assim, o objetivo deste trabalho consistiu em analisar a influência do inglês como língua estrangeira (LE) sobre a ordenação de adjetivos em sintagma nominal (SN) em português como língua materna (LM). Para tanto, buscou-se observar as diferenças na ordenação dos adjetivos entre monolíngues e bilíngues, as preferências por determinadas posições do adjetivo e quais participantes apresentariam maior quantidade de possibilidades de ordenação. Nesse sentido, foram aplicados questionários e atividades de composição de SN com diferentes adjetivos, os quais foram posteriormente analisados qualitativamente (a metodologia é apresentada em detalhes na seção dedicada a essa questão).

Este trabalho se mostra relevante para o estudo sintático, já que, conforme afirmado por Perini (2000, p. 94), “o sintagma nominal tem uma estrutura posicionalmente muito mais rígida do que a oração”. Assim, a partir desta pesquisa, aprofunda-se o estudo sobre a estrutura subjacente do português brasileiro, do sintagma nominal e, mais especificamente, da ordenação de adjetivos. Além disso, ao analisar a influência do inglês sobre o português, colabora-se com a descrição da relação entre as duas línguas, especialmente no nível sintático, contribuindo com a bibliografia de duas áreas linguísticas, Sintaxe e Línguas em Contato.

Outra contribuição deste trabalho deve-se ao número restrito de estudos acerca da influência de língua estrangeira sobre língua materna (Zaretsky, 2014; Altmisdort, 2016; Luque Agulló, 2020). Existem muitos estudos que abordam a influência da LM sobre o aprendizado da LE (Durão; Canato, 2005; Silva, 2006; Nascimento; Branco, 2013; Castro, 2017), porém, ainda há poucos estudos que se dediquem à influência no sentido contrário. Segundo Cook (2003, p. 6, tradução de Beatriz Shizue Chayamiti²),

A crença no padrão do falante nativo é uma razão pela qual a influência da L2³ na L1 é tão pouco estudada. Se a L1 dos usuários da L2 fosse diferente daquela dos falantes nativos monolíngues, a pesquisa em ASL⁴, ao usar os falantes nativos como objetivo, estaria baseada em areia movediça.

Assim, essa crença no nível do falante nativo ou do ideal monolíngue acaba reduzindo o número de pesquisas da influência de LE sobre LM, impedindo que sejam observadas características únicas do usuário de LE. Outros autores, como Altmisdort (2016) e Luque Agulló

² Todas as traduções de Cook (2003) apresentadas neste trabalho são traduções de Beatriz Shizue Chayamiti.

³ Neste trabalho, não faremos distinção entre LM/L1 e LE/L2. Neste e em outros trechos, reproduzimos as nomenclaturas utilizadas pelos autores.

⁴ Aquisição de segunda língua.

(2020), também corroboram essa afirmação de que há um número reduzido de estudos sobre esse tipo de influência e que, cada vez mais, esses estudos se mostram pertinentes como forma de se afastar do viés monolíngue e investigar características únicas na produção de usuários e aprendizes de línguas.

A seguir, será exposto o referencial teórico em que esta pesquisa foi baseada, englobando autores voltados à Sintaxe dos adjetivos e à influência translinguística. Na terceira seção, é apresentada a metodologia, incluindo os instrumentos de coleta de dados e a apresentação do perfil dos participantes. Na quarta seção, são desenvolvidas as análises e os resultados a partir dos dados coletados. Por fim, são apresentadas as considerações finais acerca da pesquisa, seguidas dos agradecimentos e do referencial.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma vez que este trabalho envolve duas áreas da Linguística, Sintaxe e Línguas em Contato, faz-se necessário abordar teóricos de ambas. Primeiramente, serão apresentadas brevemente teorias sobre os adjetivos, envolvendo classificação, ordenação e posição do adjetivo em português e inglês. Em um segundo momento, serão abordados conceitos relacionados ao bilinguismo e à influência translinguística.

Adjetivos: classificação e ordenação no sintagma nominal

Diferentes autores dedicaram-se ao estudo dos adjetivos, incluindo a classificação desses elementos em grupos e definindo qual posição eles ocupam (ou costumam ocupar) nas estruturas nominais. Nesta subseção, serão apresentadas brevemente algumas dessas teorias.

A posição canônica do adjetivo em línguas germânicas, como o inglês, é a pré-nominal; já em línguas românicas, como o português, a posição canônica é pós-nominal. Cinque (1994) busca explicar a diferença da posição canônica do adjetivo em português e inglês. Segundo o autor, a posição de base dos APs (*Adjective Phrase* ou Sintagma Adjetival) é a mesma tanto em línguas germânicas quanto em românicas, ou seja, à esquerda do nome. O que faz com que a posição canônica do adjetivo seja diferente é o movimento de N (nome): nas línguas românicas, N pode alçar para um núcleo funcional intermediário entre N e D (determinante), o que não ocorre em línguas germânicas. Prim (2017), por sua vez, defende que os adjetivos são gerados à direita do nome, e que são eles que se movimentam para a posição pré-nominal (com exceção

dos adjetivos exclusivamente pré-nominais), motivados pelo traço [+ específico], que pode estar presente em todos os determinantes.

Bouchard (1998, 2002), apresentado por Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), defende que o adjetivo aparece em posição pós-nominal quando especifica e modifica o nome totalmente, por exemplo, “bebida doce”, em que “doce” modifica completamente “bebida”. Por outro lado, quando o adjetivo modifica apenas subpartes do nome, aparece em posição pré-nominal, por exemplo, “bom marido”, em que “bom” caracteriza apenas a subparte “marido”, ou seja, ele é bom como marido, mas não necessariamente como homem, pai, pessoa.

Para Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), a maioria dos adjetivos que aparecem em posição pré-nominal em línguas germânicas aparecem em posição pós-nominal em línguas românicas. Assim, ocupariam a posição pós-nominal em português, segundo as autoras, os adjetivos descritivos (A janela amarela), avaliativos (A menina bonita), temporais (As inundações recentes no Rio Grande do Sul) e classificativos (O engenheiro naval). Os adjetivos intensionais/não intersectivos⁵, por outro lado, só podem ocupar a posição pré-nominal em línguas românicas (como é o caso de “O suposto ladrão”, por exemplo).

Ainda segundo as autoras, os adjetivos que não podem ser parafraseados por predicado com verbo copular geralmente não podem ocupar a posição pós-nominal em línguas românicas (como em “O próximo presidente/*O presidente próximo”). No entanto, os adjetivos classificativos são uma exceção, já que não podem ser parafraseados, mas aparecem em posição pós-nominal (como em “O engenheiro nuclear/ *O nuclear engenheiro).

Borges Neto (1979) classifica os adjetivos entre categoremáticos e sincategoremáticos. Os categoremáticos modificam a extensão/o referente do nome, e seu sentido não depende do nome que modifica (como em “Patrícia Melo é uma autora brasileira”); os sincategoremáticos modificam a intensão/a referência do nome e seu sentido está diretamente ligado ao nome (como em “Eduardo é um engenheiro nuclear”).

Boff (1991) classifica os adjetivos entre avaliativos e não avaliativos. Os avaliativos são usados para emitir opinião ou julgamento e podem aparecer em posição pré-nominal e pós-nominal (por exemplo, “Uma linda mulher/ Uma mulher linda”). Os adjetivos não avaliativos, que expressam propriedades inerentes ao nome, só podem ocupar a posição pós-nominal (como é o caso de “Um espelho redondo/ *Um redondo espelho). Segundo a autora, alguns processos

⁵ Os adjetivos intensionais modificam o sentido ou a intensão do nome, ou seja, propriedades internas ao substantivo. Para serem interpretados, não levam em conta apenas a extensão do nome.

podem adicionar o traço [+ avaliativo] a um adjetivo, como a sufixação de -íssimo, tornando-o avaliativo. Além disso, ela destaca a existência dos epítetos (apresentados por Cunha e Cintra (1985)), em que adjetivos não avaliativos são dispostos em posição pré-nominal como recurso literário, como em “A verde relva”.

De forma semelhante, Brito e Lopes (2016) classificam os adjetivos como qualificativos e avaliativos. Os qualificativos expressam propriedades objetivas, como dimensão, forma, cor e estado físico/mental. Geralmente aparecem em posição pós-nominal, tendo interpretação denotativa; na posição pré-nominal, têm interpretação conotativa. Os avaliativos, assim como os classificados por Boff (1991), expressam propriedades subjetivas e podem aparecer em ambas as posições em relação ao nome. Quando os dois tipos coocorrem, a ordem aceita é qualificativo > avaliativo. Além desses, as autoras também mencionam os adjetivos relacionais, que só ocupam a posição pós-nominal.

Nesse mesmo sentido, Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) distinguem adjetivos absolutos e não absolutos. Os absolutos denotam propriedades concretas do nome, não são graduáveis e só aparecem em posição pós-nominal em português. Os não absolutos denotam propriedades subjetivas do nome, geralmente expressando uma avaliação do falante, e podem aparecer tanto antes quanto depois do nome.

Os adjetivos absolutos podem ter função classificativa, categorizando o nome (por exemplo, em “Culinária italiana”), ou podem ser relacionais, relacionando o domínio do substantivo e o domínio do adjetivo, estabelecendo uma estreita relação entre ambos (por exemplo, em “Energia nuclear”).

Neves (2000 *apud* Santana, 2020) apresenta a diferença entre as posições pré-nominal e pós-nominal da seguinte forma: a posição pós-nominal é a menos marcada em português e tem interpretação restritiva/especificadora; a posição pré-nominal é a mais marcada em português e é mais frequente em textos literários ou em outros casos em que se deseje uma leitura mais subjetiva.

Menuzzi (1992) classifica os adjetivos em quatro grupos — categoremáticos, relacionais, referenciais e intensionais —, a partir da forma como adjetivos e nomes preenchem suas redes temáticas. Os adjetivos categoremáticos têm sentido independente do nome que modificam e, em posição pré-nominal, tornam-se núcleo do sintagma (por exemplo, “Um escritor surdo/Um surdo escritor”).

Os adjetivos relacionais, quando em posição pré-nominal, são relativos ao nome (por exemplo, em “Um bom marido”, a única interpretação é de que ele é bom como marido). Quando em posição pós-nominal, podem ser relativos ao nome ou ter leitura abstrata (por exemplo, em “Um marido bom”, é possível interpretar que ele é bom como marido ou que é bom como pessoa).

Os adjetivos referenciais são os adjetivos gentílicos e só aparecem em posição pós-nominal (por exemplo, “A culinária italiana/*A italiana culinária). Os adjetivos intensionais só aparecem em posição pré-nominal e, para serem interpretados, consideram apenas a intensão do nome (por exemplo, “O último governo/*O governo último).

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) apresentam autores que defendem uma ordem universal dos adjetivos. Para Sproat e Shih (1987, 1991), os adjetivos mais “aparentes”, ou seja, os mais “palpáveis”, ficam mais próximos do nome, seguindo a ordem apresentada em (9) (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 310). Para Scott (1998), os adjetivos que denotam propriedades próprias do referente do substantivo ficam mais próximos do N do que os adjetivos que denotam propriedades subjetivas, seguindo a ordem apresentada em (10) (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 311):

(9) Quantificador > qualidade > tamanho > tamanho/cor > proveniência⁶

(10) Ordinal > cardinal > comentário subjetivo > qualidade > tamanho > comprimento > altura > velocidade > profundidade > largura > temperatura > umidade > idade > forma > cor > nacionalidade/origem > material

É importante destacar que essas ordenações foram baseadas no inglês, ficando o nome ao final de todos esses tipos de adjetivos. Como a posição canônica do adjetivo em português é oposta à do inglês, em português, essa ordem seria espelhada.

Cinque (1994) também propõe uma ordem universal, separando entre adjetivos modificadores de nomes que denotam eventos (11) e objetos (12) (Cinque, 1994, p. 96):

(11) Poss⁷ > Cardinal > Ordinal > Orientado para o falante > Orientado para o sujeito > Maneira > Temático

⁶ Todas as traduções do original em italiano e em inglês, presentes neste trabalho, são tradução nossa.

⁷ Possessivo.

(12) Poss > Cardinal > Ordinal > Qualidade > Tamanho > Forma > Cor >

Nacionalidade

Cinque (1994) ainda destaca que línguas cuja posição canônica do adjetivo é pós-nominal são o espelho de línguas cuja posição canônica do adjetivo é pré-nominal. Além disso, segundo o autor, línguas com ordem A+N+A e línguas com ordem A+N têm a mesma ordem na base, porém, nas primeiras, o N alça sobre alguns APs mais baixos. Confira alguns exemplos elaborados pelas autoras:

(13) Ordem AN: *beautiful little blue bird*

Avaliação Tamanho Cor Nome

(14) Ordem NA: pássaro azul pequeno lindo

Nome Cor Tamanho Avaliação

(15) Ordem ANA: lindo pequeno pássaro azul

Avaliação Tamanho Nome Cor

Cardoso (2023) apresenta alguns problemas para a proposta de Cinque (1994). Primeiramente, segundo ela, a ordenação proposta pelo autor para adjetivos de cor, nacionalidade, tamanho etc. não analisa propriedades inerentes ao adjetivo, como as semânticas e sintáticas. Além disso, apesar de haver preferência na ordem dos adjetivos, há liberdade de posicionamento dos modificadores, o que leva a crer que essa ordem não é tão rígida como defende o autor, conforme a autora exemplifica (Cardoso, 2023, p. 88):

(16) Um cachorro preto enorme (N cor dimensão)

(17) Um cachorro enorme preto (N dimensão cor)

(18) Uma mesa chinesa redonda (N nacionalidade formato)

(19) Uma mesa redonda chinesa (N formato nacionalidade)

Outro questionamento levantado por Cardoso (2023) refere-se à teoria de Cinque (1994) de que, quando o N se move, leva consigo o AP mais próximo. Segundo a autora, isso nem

sempre ocorre, caso contrário, apenas os dois primeiros exemplos seriam considerados gramaticais (exemplos extraídos de Cardoso (2023, p. 86)):

(20) Três ótimos tradicionais pratos franceses

(21) Três pratos franceses tradicionais ótimos

(22) Três pratos ótimos tradicionais franceses

Outra restrição de ordenação de adjetivos defendida por Cinque (1994) diz respeito à coocorrência de N com complemento PP junto de dois adjetivos. Segundo o autor, não seria aceita a ordem com dois adjetivos entre N e seu complemento PP, mas todas as outras ordens seriam aceitas. Confira alguns exemplos elaborados pelas autoras que ilustram essa restrição:

(23) a. *Um vestido vermelho belíssimo de festa

N Adj1 Adj2 PP

b. Um vestido vermelho de festa belíssimo

N Adj1 PP Adj2

c. Um vestido de festa vermelho belíssimo

N PP Adj1 Adj2

d. Um vestido de festa belíssimo vermelho

N PP Adj2 Adj1

Em relação a essa restrição, Cardoso (2023) destaca que não é observada em todos os casos do português. Para ilustrar, a pesquisadora traz alguns exemplos (extraídos de Cardoso (2023, p. 86)):

(24) Os ataques italianos permanentes à Albânia

(25) A reação hostil americana à proposta venezuelana

(26) A reação americana hostil à proposta venezuelana

Como pôde ser observado nesta subseção, há diversos autores dedicados ao estudo dos adjetivos, e cada proposta contribui de alguma forma para o estudo desses elementos no

Sintagma Nominal. Na elaboração dos instrumentos de coleta de dados, muitos SN foram extraídos ou adaptados desses autores, viabilizando que diferentes contextos sintáticos fossem analisados, além de viabilizar a relação entre os dados e o referencial, conforme veremos com mais detalhes nas análises.

Bilinguismo e influência translinguística

Nesta subseção, serão apresentados alguns conceitos e estudos sobre o bilinguismo e sobre a influência translinguística, importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

O bilinguismo é definido de diversas formas por diferentes autores. Para Macnamara (1967 *apud* Megale, 2012), é considerado bilíngue o indivíduo que domina pelo menos uma das quatro habilidades linguísticas em uma língua estrangeira. Li Wei (2000 *apud* Megale, 2012) também defende que o bilinguismo não está condicionado ao grau de proficiência ou ao uso, mas é definido apenas por possuir duas línguas. Maher (2007 *apud* Megale, 2012) corrobora essas definições, destacando que o bilíngue não apresenta comportamentos idênticos nas duas línguas, mas seu uso varia dependendo das circunstâncias e da necessidade.

Mozzillo (2001) observa que o conceito de bilinguismo é muito amplo e, por isso, envolve indivíduos de diferentes níveis, desde aprendizes iniciantes de uma segunda língua ou indivíduos que dominam apenas uma das competências até indivíduos que, mesmo dominando todas as competências, não se passam por nativos. Mackey (1968) ainda afirma que, para analisar um bilíngue, muitas questões devem ser levadas em consideração, incluindo o grau/domínio das línguas; o uso de cada uma das línguas; a alternância e a interferência entre as línguas.

Neste trabalho, considera-se o conceito de Grosjean (2008) de bilinguismo. Para ele, bilíngue é aquele que usa duas ou mais línguas com regularidade. O autor afirma que o bilíngue utiliza suas línguas para diferentes finalidades e, por isso, não precisa performar em todas as habilidades (leitura, escrita, compreensão e fala).

Cook (2003, 2002a, p. 4-8 *apud* Cook, 2003, p. 5) também apresenta algumas particularidades do bilíngue (chamado pelo autor de usuário de L2) que são muito relevantes para o desenvolvimento deste trabalho:

(1) o usuário da L2 apresenta mais usos para a língua que os monolíngues;

- (2) o conhecimento do segundo idioma pelos usuários da L2 geralmente não é idêntico àquele dos falantes nativos;
- (3) o conhecimento do usuário da L2 sobre a sua primeira língua não é, em alguns aspectos, o mesmo que o de um monolíngue;
- (4) os usuários da L2 têm mentes diferentes daquelas pessoas monolíngues.

Todas as considerações de Cook auxiliam no delineamento do indivíduo bilíngue, porém, considerando os objetivos deste trabalho, o item (3) destaca-se, já que é justamente esse aspecto que queremos analisar — a influência da LE/L2 sobre a primeira língua dos indivíduos.

A partir desse ponto, partimos para a discussão sobre o que é e como ocorre a influência translinguística. Cook (2003) apresenta cinco diferentes modelos que buscam explicar a relação entre a primeira e a segunda língua: no modelo de separação, as línguas ficam completamente separadas, sem qualquer conexão entre elas; nesse caso, como não há contato entre as línguas, a possibilidade de influência é completamente descartada. No modelo de integração, as línguas formam um sistema único, em que o usuário precisa escolher qual idioma usar em cada situação; nesse modelo, também não há influência, já que as duas línguas estão em um mesmo sistema. No modelo de línguas conectadas, existe influência entre dois sistemas linguísticos separados na mesma mente, com conexões podendo ocorrer em ambas as direções. No modelo de integração parcial, dois sistemas linguísticos se sobrepõem parcialmente na mesma mente, havendo conexões em ambos os sentidos, porém apenas em uma área específica, que pode ser sintática, lexical, fonética etc. O modelo do contínuo de integração envolve todos os modelos anteriores e defende que não há direção do movimento e que pode envolver apenas algumas áreas do sistema linguístico.

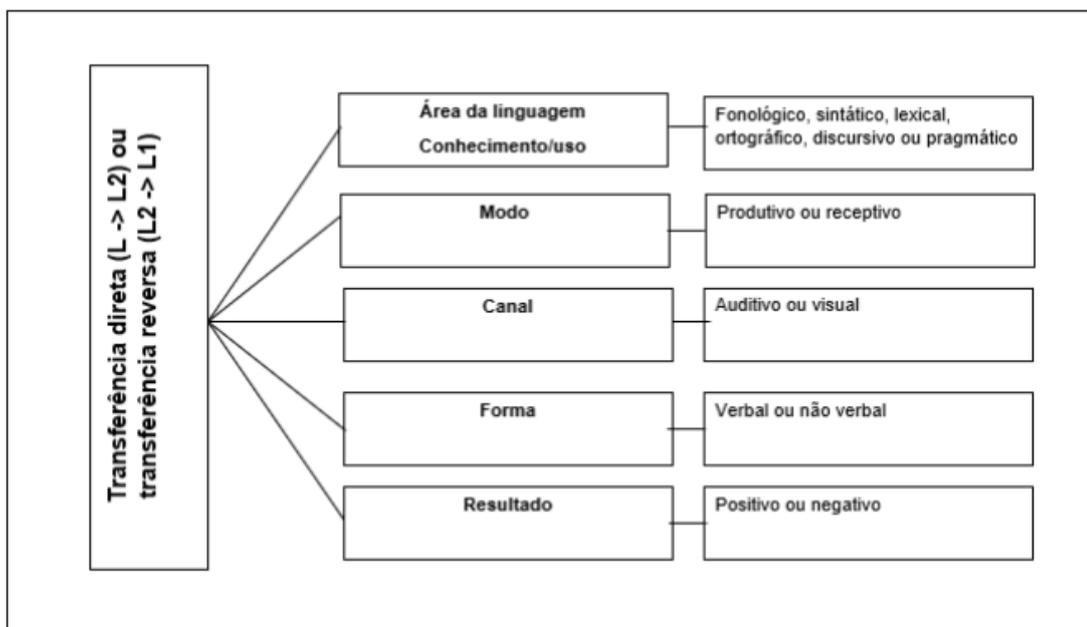
Grosjean (2008) defende que os bilíngues estão em um *continuum* situacional entre os modos monolíngue e bilíngue: no modo monolíngue, o indivíduo se comunica com monolíngues em uma de suas línguas; no modo bilíngue, o indivíduo se comunica com outros bilíngues, utilizando uma ou mais de suas línguas. Como a desativação de uma das línguas raramente é total, ocorrem as interferências entre as línguas do indivíduo. Segundo o autor, a interferência pode ser estática, quando traços permanentes de uma língua refletem na outra; ou dinâmica, quando a influência é momentânea sobre a outra língua.

Como os termos transferência, interferência e influência têm sentidos diferentes, conforme defendido por Ferreira (2018), neste trabalho, utilizaremos apenas a nomenclatura “influência”. Segundo o autor, “interferência” e “transferência” transmitem um sentido

negativo para a relação entre as línguas e, por isso, têm sido evitados pelos autores, já que não se pretende demonstrar que esse é um processo negativo.

A influência translinguística envolve diversos aspectos, o que amplia muito a área de estudo do contato entre línguas. Tendo isso em vista, é importante delimitar, neste momento, quais aspectos da influência translinguística serão analisados neste trabalho. Para tanto, utilizamos a taxonomia de Jarvis e Pavlenko (2008 *apud* Luque Agulló, 2020):

Figura 1 – Taxonomia da influência translinguística



Fonte: Jarvis e Pavlenko, 2008, p. 19 *apud* Luque Agulló, p. 61, tradução nossa.

A partir dessa taxonomia, é possível organizar e delimitar os aspectos da transferência linguística que serão analisados. No caso deste trabalho, buscamos analisar a transferência reversa (L2 -> L1), já que observamos a influência do inglês como língua estrangeira sobre o português (língua materna). A área da linguagem analisada é a Sintaxe, pois foi analisada a ordenação de adjetivos em Sintagmas Nominiais; o modo estudado foi o produtivo⁸, visto que os participantes precisavam produzir sintagmas; o canal analisado foi o visual, pois as respostas eram escritas, e não faladas; a forma da influência era verbal; e o resultado, positivo ou negativo, neste momento não era objetivo do trabalho, já que não se buscou um julgamento nesse sentido.

⁸ Na seção “Metodologia”, será explicado em maiores detalhes o instrumento de coleta de dados.

A partir desses aspectos, vamos nos deter, neste momento, ao primeiro: a influência reversa, ou seja, a influência de LE sobre LM. Conforme mencionado anteriormente, ainda há um número restrito de estudos voltados para a influência nesse sentido, mas cada vez mais pesquisas têm se voltado para esse objeto.

De acordo com Cook (2003), a influência de L2 sobre L1 pode ser positiva, uma vez que aprender outra língua funciona como um treinamento cerebral, e estudos já têm mostrado que bilíngues, inclusive, apresentam habilidades metalinguísticas melhores que monolíngues (Cook (2003) menciona estudos como os de Kesckes; Papp, 2000; Bialystok, 2001; e Yelland *et al.*, 1993). Por outro lado, a influência reversa pode ser negativa quando o indivíduo aumenta sua habilidade de uso da L2 a tal ponto que perde suas habilidades na L1, no entanto, esse é um caso de situações bem específicas. Segundo o autor, muitos casos de influência de L2 sobre L1 são apenas diferenças entre as línguas, “os usuários da L2, em certo sentido, simplesmente têm um comando diferente da L1, que não pode ser elogiado nem reprovado” (Cook, 2003, p. 13).

Alguns estudos têm sido dedicados à influência translinguística reversa e chegado a resultados relevantes para a pesquisa na área; alguns serão apresentados a seguir. Altmisdort (2016) buscou verificar se ocorria transferência de L2 (inglês) para L1 (turco) na leitura em L1 em um grupo de falantes de língua turca (L1) aprendizes de inglês (L2). Seu estudo comprovou que há uma transferência positiva da habilidade de leitura em L2 para a leitura em L1.

Zaretsky (2014) buscou identificar a influência do letramento em L1 (russo) e L2 (inglês) na preservação das habilidades morfossintáticas e lexicais da L1, assim como no uso proficiente da L2. No estudo, foi proposto a um grupo de crianças bilíngues e a um de monolíngues que recontassem uma determinada história usando sua L1. As narrativas produzidas pelas crianças bilíngues foram muito próximas daquelas produzidas pelas monolíngues quanto à extensão e ao número de erros gramaticais e lexicais, demonstrando um bom domínio da L1 pelas bilíngues. O resultado corrobora a hipótese da interdependência, “que postula a dependência de L1 e L2 na proficiência linguística subjacente comum” (Zaretsky, 2014, p. 159).

A pesquisa de Luque Agulló (2020) teve como objetivo analisar se havia transferência reversa não intencional de L2 (inglês) para L1 (espanhol) na produção oral de L1. Dois grupos de estudantes universitários com diferentes níveis de proficiência em L2 tiveram que recontar um vídeo sem som usando sua L1. Os resultados demonstraram que “a transferência reversa não intencional ocorre com mais frequência quando há um nível mais baixo de competência em

L2 ou, alternativamente, seus efeitos têm um resultado negativo mais evidente para esses aprendizes" (Luque Agulló, 2020, p. 57). Um ponto do estudo que interessa muito a esta pesquisa diz respeito às questões sintáticas dos participantes: o grupo bilíngue com maior nível de proficiência utilizou um número menor de sentenças para narrar o vídeo se comparado ao grupo controle. Esse grupo também usou o sujeito elíptico com mais frequência que os do grupo com menor nível de proficiência, evidenciando menos transferência de L2 para L1, já que em espanhol (L1) é possível esse tipo de construção, mas em inglês (L2), não. Em relação à ordem de palavras, houve apenas um caso em que um participante do grupo com menor nível de proficiência utilizou a construção larga cola (adjetivo + substantivo) em vez de cola larga (substantivo + adjetivo), em que o segundo seria o mais comum em sua L1, demonstrando transferência da L2.

O estudo de Razkane e Diouny (2021) analisou se o treinamento em estratégias de leitura em inglês (L3) melhoraria o processo de leitura em francês (L2) e árabe (L1). Foi aplicado o Questionário de Estratégias Metacognitivas de Leitura a 30 participantes e os resultados indicaram uma melhoria significativa na consciência da estratégia metacognitiva do grupo experimental nas suas 3 línguas.

Sun (2023) analisou a transferência reversa de L3 sobre L2 com foco no tempo verbal e aspecto em participantes cujas línguas eram mandarim (L1), inglês (L2) e francês (L3). As respostas desses participantes às tarefas foram comparadas às de um grupo controle cujas línguas eram mandarim (L1) e inglês (L2). Os resultados demonstraram que, no nível receptivo, não houve efeito significativo de transferência. Por outro lado, no nível produtivo, o grupo de alunos com L3 apresentou padrões únicos de uso da língua. De acordo com o autor,

o uso não direcionado dos tempos verbais do inglês por esses alunos pode ser atribuído à influência de seu francês L3. Além disso, a L1 e a L3 dos alunos pareciam ter uma influência conjunta no uso do inglês na L2. Os resultados indicam uma clara influência do francês L3 dos alunos no uso da morfologia do pretérito no inglês L2 (Sun, 2023, n.p.).

Tendo como base todo esse aporte teórico relacionado ao Sintagma Nominal, à ordenação de adjetivos, ao bilinguismo e à influência translinguística, passamos à apresentação da metodologia e dos resultados desta pesquisa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa enquadra-se na tipologia de metodologia qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008), uma vez que não se pretende realizar generalizações estatísticas, mas pesquisar um caso específico, buscando compreender o fenômeno da ordenação de adjetivos, sem afirmar que os resultados obtidos se apliquem a todos os casos.

O estudo faz parte do projeto de pesquisa guarda-chuva coordenado pela Profa. Dra. Isabella Mozzillo “Contato linguístico: fenômenos, políticas e ideologias”, registrado sob o número 2281 na UFPel⁹. Além disso, foram observados todos os preceitos éticos na aplicação dos instrumentos de pesquisa, incluindo assinatura de termo de consentimento e possibilidade de deixarem de participar da pesquisa a qualquer momento.

Participantes

Os participantes da pesquisa eram estudantes de cursos de graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, nas habilitações em Português e Português e Inglês. A partir das respostas aos instrumentos de pesquisa, os participantes formaram três grupos: os monolíngues, que responderam conhecer apenas o português; os bilíngues português/inglês, que responderam conhecer português e inglês, independentemente de conhecerem outras línguas ou não; e os bilíngues que conheciam outras línguas estrangeiras, que não eram o inglês (as respostas desse terceiro grupo foram desconsideradas). Essa divisão foi realizada com base no que Grosjean (2008) considera como bilíngue, ou seja, quem usa duas ou mais línguas com regularidade. Reconhecemos, ainda, que mesmo os monolíngues podem ter tido algum contato com a língua inglesa, porém, consideraram-se as respostas dos participantes para a divisão dos grupos.

Além disso, os participantes bilíngues português/inglês também foram subdivididos entre seus níveis de proficiência autodeclarada em escrita em inglês entre básico, intermediário e avançado. Essa subdivisão não estava prevista no início do trabalho, mas se mostrou pertinente no decorrer das análises. Contudo, devido ao limite de extensão desta publicação, optou-se por apresentar apenas os dados classificados entre monolíngues e bilíngues, sem adentrar na separação das respostas entre os níveis de bilinguismo.

⁹ O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o número 29953120.0.0000.5317.

O número total de participantes foi de 58, dos quais 41 declararam-se do sexo feminino; 15 do sexo masculino; 1 neutro; e 1 travesti. 30 participantes eram do curso Letras – Português e Inglês; 26 do curso Letras – Português; 1 do curso Letras – Redação e Revisão de Textos; e 1 do curso Letras – Tradução Inglês e Português.

A língua materna de 54 participantes é apenas o português, enquanto quatro declararam ter mais de uma língua materna: além do português, inglês (2 participantes); pomerano (1 participante) e japonês (1 participante). Do total de participantes, 10 usam apenas o português; 44 conhecem inglês; e 28 conhecem espanhol. Além dessas, outras línguas foram citadas: Libras (1), pomerano (1), francês (4), japonês (2), coreano (2), latim (1), italiano (1) e klingon (1).

Assim, os grupos de participantes foram constituídos da seguinte forma: 10 monolíngues (português); 44 bilíngues (português/inglês), dos quais 11 declararam nível básico de escrita em inglês; 22, nível intermediário; e 11, nível avançado. Além disso, temos o grupo de bilíngues de outras línguas, formado por 4 participantes, o qual, conforme já mencionado, não foi analisado.

Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados foram aplicados presencialmente às turmas dos participantes, após contato e autorização do professor responsável pela turma. Os participantes responderam a um questionário, que incluía questões abertas e de múltipla escolha sobre sexo, idade, curso e semestre. Além disso, foi questionado sobre qual/quais a(s) língua(s) materna(s) do participante e, sobre cada uma das demais línguas que conhecesse: se usava com regularidade, em quais circunstâncias usava, como a adquiriu e qual o nível de leitura, escrita, compreensão e fala na língua estrangeira, conforme pode ser observado no recorte a seguir, retirado do questionário:

Figura 2 – Recorte do questionário

Questionário

Sexo: _____ Idade: _____
Curso: _____ Semestre: _____
Qual/Quais a(s) sua(s) língua(s) materna(s)?

• **Responda a seguir todas as línguas que você conhece e, sobre cada uma, responda as perguntas seguintes.**

Língua A: _____
Você usa com regularidade? () Sim () Não

Em quais circunstâncias você usa essa língua?
() Com a família () Na universidade () Com amigos () Online
() Entretenimento (livros, filmes, séries, músicas, etc.)
() Outro: _____

Como você adquiriu essa língua?
() Com minha família () Na escola () Em curso de línguas () Na graduação
() Sou autodidata () Outro: _____

Nessa língua, em qual nível você considera que:
Lê: () Básico () Intermediário () Avançado
Escreve: () Básico () Intermediário () Avançado
Compreende: () Básico () Intermediário () Avançado
Fala: () Básico () Intermediário () Avançado

Fonte: elaboração própria.

Além do questionário, os participantes responderam a uma atividade de composição de SN com adjetivos. A atividade consistia em diversos sintagmas nominais incompletos, juntamente com um ou mais adjetivos dispostos em ordem alfabética, em que o participante, usando sua intuição linguística, deveria dispor da maneira que julgasse mais natural. Foi explicitado aos participantes que poderia haver mais de uma ordenação possível, nesses casos, eles poderiam registrar quantas achassem válidas. Os sintagmas nominais e os adjetivos foram selecionados a partir dos autores abordados no referencial teórico, tendo sido iguais aos das obras ou adaptados com itens lexicais que pertencessem à mesma classificação definida pelos linguistas estudados. A seguir, é apresentado um trecho da atividade para exemplificar como eram as questões:

Figura 3 – Recorte da atividade de construção de SN

2. Aquele livro
Adjetivos: interessante, vermelho
Resposta(s): _____

3. A invasão da França
Adjetivos: italiana
Resposta(s): _____

4. O ataque à Alemanha
Adjetivos: brutal
Resposta(s): _____

Fonte: elaboração própria.

Primeiramente, foi elaborado um teste-piloto, o qual foi aplicado a 48 participantes de três turmas¹⁰ da disciplina de Sintaxe I, durante o estágio de docência. As respostas ao teste-piloto serviram de base para os aperfeiçoamentos do teste, como a redução do número de SNs de 24 (teste-piloto) para 17 (teste final), já que os participantes do teste-piloto relataram considerar o instrumento muito extenso, prejudicando sua realização. Além disso, a partir das dúvidas dos participantes e da análise das respostas do teste-piloto, decidiu-se por evidenciar algumas regras no início da atividade:

Figura 4 – Regras para realização da atividade

- ATENÇÃO:
- Nas respostas do teste, não podem ser incluídos outros elementos além dos que já foram disponibilizados, tais como sinais de pontuação, conjunções, etc.
 - Os sintagmas não podem ser transformados em sentenças.
 - Só registre os sintagmas que fazem sentido, sendo o mais natural possível.
 - Nas questões em que há mais de um adjetivo, todos os adjetivos devem ser utilizados.
 - Se você encontrar mais de uma resposta adequada, identifique qual é a sua preferida.
 - Os adjetivos já estão flexionados de forma a concordar com o nome, por isso não devem ter sua flexão alterada.

Fonte: elaboração própria.

Após coletados os dados presencialmente, foram organizados no *Google Forms*, permitindo uma melhor sistematização e visualização das respostas. Com os dados organizados, partiu-se para a análise das respostas, tendo como base os autores apresentados no referencial teórico.

ANÁLISES E RESULTADOS

A partir da sistematização das respostas no *Google Forms*, foram elaboradas tabelas com as respostas aos SNs, dividindo entre monolíngues e bilíngues. Como a quantidade de participantes era bem diferente entre os grupos, optou-se por incluir a porcentagem relacionada ao total de participantes de cada grupo, facilitando a comparação.

¹⁰ As turmas pertenciam aos cursos de Letras – Redação e Revisão de Textos, Letras – Português e Espanhol e Letras – Português e Francês.

Devido à limitação de extensão deste artigo, optou-se por selecionar apenas três SNs dos 17 que compunham a dissertação, os quais apresentam resultados com maior evidência de influência, viabilizando uma análise mais aprofundada. Além disso, é importante destacar que, nas tabelas apresentadas a seguir, estão contidas apenas as respostas que obedeceram às orientações estabelecidas no início do teste. Essa seleção foi necessária pois o número de respostas apresentadas era bem considerável e porque as respostas que obedeceram às orientações foram as que apresentaram os contextos que se pretendia analisar, ou seja, sintagmas nominais com todos os adjetivos solicitados, sem uso de pontuações e sem construção de oração em vez de sintagma nominal. Por fim, antes de passar às tabelas, é importante destacar que o número total de respostas poderá ser maior que o número de participantes, pois, conforme mencionado, cada participante poderia apresentar mais de uma resposta para cada SN. A seguir, portanto, apresentamos três questões da atividade com suas respostas e análises.

A invasão da França

Adjetivos: italiana

Tabela 1 – Sintagma 1 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
A invasão italiana da França	9 (90%)	40 (90,90%)
A invasão da França italiana	2 (20%)	4 (9,09%)
A italiana invasão da França	-	3 (6,81%)
Italiana a invasão da França	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, temos "italiana", um adjetivo temático ou gentílico, que expressa nacionalidade/proveniência. O adjetivo é classificado como absoluto (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) ou qualificativo (Brito; Lopes, 2016), já que é uma propriedade concreta de N (invasão). Segundo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), ele só pode ocupar a posição pós-

nominal em línguas românicas, como o português, não sendo possíveis construções como "A italiana invasão da França", assim como defendido por Menuzzi (1992), para quem o adjetivo "italiana" é referencial. Além disso, Cinque (1994) afirma que a única ordenação possível seria "A invasão italiana da França", visto que, quando o AP temático expressa papel temático de argumento externo de N, a única ordem possível seria com o AP (italiana) entre N (invasão) e seu complemento (da França).

Na Tabela 1, a construção com o maior número de respostas em ambos os grupos foi "A invasão italiana da França", com o adjetivo posposto, que é o defendido pelos autores recém mencionados. A segunda resposta com a maior porcentagem foi "A invasão da França italiana"; apesar de ter seguido as regras estabelecidas no instrumento, nessa construção, o sentido alcançado é diferente, pois "italiana" está ligado a "França", levando à interpretação de que a região italiana da França foi invadida.

A terceira resposta, "A italiana invasão da França", não é aceita pelos autores para o português, e foi apresentada somente no grupo bilíngue. O fato de apenas esse grupo ter apresentado tal resposta nos mostra uma preferência dos bilíngues pela posição pré-nominal, o que pode nos levar a duas hipóteses. A primeira é que pode indicar uma influência do inglês sobre o português, já que apenas no inglês tal ordenação seria aceita. A segunda hipótese é de que o conhecimento literário de tais participantes tenha influenciado sua resposta, já que, para Neves (2000), a posição pré-nominal é mais comum em textos literários em português, e, para Boff (1991), a anteposição de adjetivos com propriedades inerentes do nome seria um recurso literário. A quarta resposta, "Italiana a invasão da França", foi apresentada por apenas um participante, e, apesar de escapar ao que foi proposto, pode reforçar a preferência pela posição pré-nominal por parte dos bilíngues.

Três pratos

Adjetivos: franceses, ótimos, tradicionais

Tabela 2 – Sintagma 2 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Três ótimos pratos franceses tradicionais	3 (30%)	16 (36,36%)

Três ótimos pratos tradicionais franceses	1 (10%)	18 (40,90%)
Três ótimos tradicionais pratos franceses	1 (10%)	6 (13,63%)
Três pratos tradicionais franceses ótimos	1 (10%)	5 (11,36%)
Ótimos três pratos tradicionais franceses	1 (10%)	1 (2,27%)
Três pratos franceses ótimos tradicionais	-	2 (4,54%)
Três tradicionais ótimos pratos franceses	-	2 (4,54%)
Três pratos ótimos tradicionais franceses	-	2 (4,54%)
Ótimos três pratos franceses tradicionais	-	2 (4,54%)
Ótimos três tradicionais pratos franceses	-	1 (2,27%)
Três tradicionais pratos franceses ótimos	-	1 (2,27%)
Três pratos franceses tradicionais ótimos	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, os participantes tinham acesso a três adjetivos que deveriam organizar no SN com "Três pratos". Cinque (1994) defende que a ordem desses adjetivos deveria seguir uma ordenação rígida e obrigatória, mas as respostas corroboraram a crítica de Cardoso (2023), para quem existe liberdade de posicionamento dos modificadores, ainda que haja preferência na ordem dos adjetivos. Além disso, as respostas também parecem demonstrar que não é verdadeira a defesa de Cinque (1994) de que N leva junto o AP mais próximo quando se move.

Com base na Tabela 2, a resposta preferida dos monolíngues (30%) foi "Três ótimos pratos franceses tradicionais", com um adjetivo anteposto e o adjetivo temático mais próximo de N (conforme defende Cinque (1994)), com porcentagem bem próxima à dos bilíngues (36,36%). As demais respostas dos monolíngues apresentaram índice de 10% cada, variando entre: 1 adjetivo anteposto, 2 adjetivos antepostos, todos os adjetivos pospostos e 1 adjetivo anteposto a toda a construção (inclusive ao numeral).

No caso dos bilíngues, a resposta preferida (40,90%) foi "Três ótimos pratos tradicionais franceses", com um adjetivo anteposto, mas com o adjetivo "franceses" mais distante de N, com

índice bem distinto dos monolíngues (10%). A segunda resposta teve índice bem próximo (36,36%) da primeira, alterando apenas a ordem entre os adjetivos "franceses" e "tradicionais". A resposta seguinte apresenta dois adjetivos antepostos e, depois, todos os adjetivos pospostos. Os bilíngues ainda identificaram mais sete opções de ordenação além das respondidas pelos monolíngues.

Uma construção que merece destaque na Tabela 2 é “Três ótimos tradicionais pratos franceses”, que teve apenas uma resposta no grupo monolíngue e seis no grupo bilíngue. Essa resposta chama a atenção porque, em português, como a posição canônica do adjetivo é pós-nominal, não é comum que se utilize dois adjetivos antepostos ao N, e, justamente pelo fato de o maior número de respostas para essa construção ter sido apresentado por bilíngues, pode despertar uma hipótese para a influência do inglês.

Em relação à variedade de respostas, os bilíngues identificaram 12 possibilidades de ordenação que seguiram as regras estabelecidas, enquanto os monolíngues apresentaram apenas 5 possibilidades de ordenação. Por outro lado, 50% dos monolíngues mostraram mais de uma possibilidade de resposta para este SN em seu teste, enquanto no grupo bilíngue a porcentagem foi de apenas 27,27%.

Uma mesa

Adjetivos: chinesa, redonda

Tabela 3 – Sintagma 3 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma mesa chinesa redonda	6 (60%)	19 (43,18%)
Uma mesa redonda chinesa	4 (40%)	14 (31,81%)
Uma redonda mesa chinesa	3 (30%)	15 (34,09%)
Uma chinesa mesa redonda	-	1 (2,27%)
Redonda uma mesa chinesa	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, temos um N (mesa) acompanhado de um adjetivo temático, também chamado de proveniência ou nacionalidade, “chinesa”, e um adjetivo de forma, “redonda”. Ambos são adjetivos não avaliativos (Boff, 1991), absolutos (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) e qualificativos (Brito; Lopes, 2016), já que expressam propriedades concretas/objetivas de N, aparecendo em posição pós-nominal em português.

De acordo com a ordem universal de Cinque (1994), o adjetivo de nacionalidade deve ficar mais próximo de N do que o adjetivo de forma, ou seja, a ordem seria “Uma mesa chinesa redonda”. Além disso, segundo Menuzzi (1992) e Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), o adjetivo “chinesa” só aparece em posição pós-nominal, ou seja, não seria possível a construção “Uma chinesa mesa redonda”.

A partir da Tabela 3, a ordem preferida de ambos os grupos foi a mesma defendida pelos autores, ou seja, “Uma mesa chinesa redonda”. Destaca-se o fato de que a porcentagem de resposta dos monolíngues foi 16,82% maior que a dos bilíngues, evidenciando a preferência pela posição pós-nominal. Essa preferência também fica evidente na segunda resposta, “Uma mesa redonda chinesa”, que representou 8,19% a mais das respostas monolíngues em comparação aos bilíngues. Essa ordenação vai em direção oposta ao defendido por Cinque (1994), corroborando a crítica de Cardoso (2023), para quem há outras ordenações possíveis além da estabelecida pelo autor.

Por outro lado, as respostas com adjetivo pré-nominal tiveram maior índice no grupo bilíngue. O sintagma “Uma redonda mesa chinesa” teve 4,09% de respostas a mais no grupo bilíngue. Além disso, se compararmos a quantidade de participantes que apresentou tal resposta, fica evidente a preferência dos bilíngues pela posição pré-nominal, já que 15 bilíngues responderam essa construção, enquanto no grupo dos monolíngues foram apenas três. De acordo com Boff (1991), o adjetivo “redonda” não poderia ocupar a posição pré-nominal, já que somente adjetivos avaliativos podem ser antepostos, e esse não é o caso do adjetivo em questão, ou seja, não é possível considerar uma mesa redonda (ou ela é, ou não é redonda).

As duas últimas respostas foram apresentadas apenas por bilíngues, sendo uma delas “Uma chinesa mesa redonda”, que vai em direção oposta ao defendido pelos autores, para quem o adjetivo “chinesa” só poderia ocupar a posição pós-nominal. A última resposta, apesar de seguir as regras definidas no início do teste, causa um certo nível de estranheza ao leitor. Destacamos que essas duas últimas tiveram índice de resposta bem abaixo das demais.

Em relação à apresentação de mais de uma resposta, tivemos uma diferença bem expressiva. Enquanto apenas 22,72% dos bilíngues apresentaram mais de uma resposta possível, no grupo dos monolíngues a porcentagem foi de 40%, ou seja, quase metade dos monolíngues apresentaram mais de uma resposta possível.

A partir das análises das respostas na atividade de construção de SNs, foi possível perceber diferenças relacionadas à preferência pela posição pré/pós-nominal entre as respostas de monolíngues e bilíngues, em alguns casos diferenças mais sutis; em outros, diferenças mais significativas. Em muitos dos sintagmas analisados, notou-se uma possível inclinação dos monolíngues pela disposição do adjetivo em posição pós-nominal, canônica em português, e dos bilíngues pela disposição do adjetivo em posição pré-nominal, canônica em inglês. Essa preferência, em muitos casos, foi sutil, mas possibilitou a observação de uma das hipóteses do trabalho, que era justamente a de que os bilíngues apresentariam preferência pela posição pré-nominal em sua LM, seguindo a ordem canônica da sua LE.

Além disso, embora os bilíngues não tenham disposto o adjetivo sempre em posição pré-nominal, algumas observações destacaram-se, levando-nos a refletir sobre a possibilidade de influência do inglês sobre o português. Primeiramente, em alguns casos, apesar de ambos os grupos preferirem a posição pós-nominal, é possível notar que, além dessa resposta, muitos bilíngues também apresentaram possibilidades de resposta com o adjetivo em posição pré-nominal, as quais não foram identificadas pelos monolíngues. Isso nos leva a refletir sobre a possibilidade de que os bilíngues percebam com mais naturalidade opções de construção com o adjetivo anteposto, o que pode resultar da influência do inglês sobre o português.

Em segundo lugar, enquanto algumas respostas com o adjetivo anteposto seriam bem aceitas/naturais em português, outras construções destacaram-se pelo fato de que seriam improváveis em português (como “Uma redonda mesa chinesa”, por exemplo). Essas construções inesperadas em português tiveram uma grande diferença no número de respostas entre monolíngues e bilíngues, demonstrando que, para os bilíngues, elas seriam gramaticais/naturais.

Apesar de não podermos afirmar categoricamente que haja influência do inglês sobre o português, devido ao número reduzido de participantes e aos diversos fatores que podem ter influenciado as respostas, tais evidências nos levam a refletir sobre essa possibilidade de influência reversa. A hipótese de que os bilíngues apresentariam mais possibilidades de

ordenação que os monolíngues foi refutada, pois em diferentes sintagmas, diferentes grupos apresentaram maior número de possibilidades de ordenação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar como monolíngues e bilíngues constroem sintagmas nominais com um ou mais adjetivos, observando como se dá a possível influência do inglês (LE) sobre o português (LM). Os dados coletados levantaram evidências de uma possibilidade de influência a partir da preferência dos bilíngues pela posição pré-nominal do adjetivo (canônica em inglês), principalmente em casos em que a anteposição do modificador poderia causar estranheza ou agramaticalidade em português. Além disso, os bilíngues parecem reconhecer com mais naturalidade as possibilidades de anteposição do adjetivo, ao contrário dos monolíngues, o que também reforça a hipótese da influência.

Sobre a apresentação de maior número de possibilidades de ordenação, a hipótese de que os bilíngues apresentariam mais possibilidades foi refutada, pois, em diferentes SNs, diferentes grupos apresentaram a maior diversidade de respostas.

Reconhecemos que a pesquisa apresenta limitações, já que se refere a uma amostra restrita de participantes. Por isso, não são defendidas afirmações categóricas nem generalizações, já que seria necessária uma pesquisa com maior número de participantes e com um corpus mais robusto para confirmar as hipóteses e generalizar os resultados. Além disso, reconhecemos que outros fatores podem ter influenciado as respostas para além do conhecimento em LE (como o conhecimento literário, por exemplo, citado ao longo deste artigo), os quais não foram abordados nesta pesquisa, mas podem ser analisados em pesquisas futuras.

Apesar das limitações, este estudo contribui para a análise do fenômeno e a investigação da estrutura do sintagma nominal no português e da ordenação dos adjetivos no interior dessa estrutura, bem como da influência do conhecimento em inglês sobre a construção desses sintagmas. Além disso, colabora com a observação do contato entre português e inglês e contribui para a bibliografia sobre transferência reversa — ainda pouco explorada, conforme mencionado anteriormente — e, mais especificamente, sobre transferência reversa no nível sintático.

A presente pesquisa contribui ainda para o agir profissional de professores de língua materna ou de língua estrangeira que, no contato com produções escritas de seus alunos, podem ser levados a refletir sobre a influência de uma LE na ordenação de elementos em LM. Isso pode auxiliar na compreensão dos processos de escrita do aluno e possibilitar a abordagem da questão da influência translinguística em sala de aula. Além disso, este estudo também colabora com o agir profissional de tradutores e revisores que, ao terem contato com textos de pessoas bilíngues, podem compreender melhor as construções realizadas e refletir sobre possibilidades de influências de uma LE.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à orientadora, Profa. Isabella Mozzillo, e à coorientadora deste trabalho, Profa. Paula Fernanda Eick Cardoso, que dedicaram tempo de leitura e conversas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço aos professores das turmas em que os instrumentos de pesquisa foram aplicados pela disponibilidade em nos oferecer seu espaço de aula.

Agradeço aos participantes que responderam aos instrumentos de pesquisa, dedicando seu tempo e esforço para contribuir com esta pesquisa.

Agradeço à tradutora, Jéssica de Souza, que colaborou informando a resposta de cada Sintagma Nominal em inglês, contribuindo com as análises.

REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. **Noun Phrase in the Generative Perspective** (Studies in Generative Grammar 71). Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

ALTMISDORT, Gonca. The Effects of L2 Reading Skills on L1 Reading Skills through Transfer. **English Language Teaching**, Canadian Center of Science and Education, v. 9, n. 9, p. 28-35, 2016. Disponível em: <https://www.ccsenet.org/journal/index.php/elt/article/view/61353>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BERGMANN, Bianca Schmitz. **Ordenação de adjetivos em Sintagma Nominal: teorias e gramaticalidade**. 2020. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

BERGMANN, Bianca Schmitz. **A influência do inglês (LE) na ordenação de adjetivos em Sintagma Nominal no português brasileiro (LM)**. 2023. 193 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

BOFF, Alvana Maria. **A posição dos adjetivos no interior do sintagma nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica**. 1991. 110 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

BORGES NETO, José. **Adjetivos: predicados extensionais e predicados intensionais**. 1979. 87 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRITO, Ana Maria; LOPES, Ruth. The Structure of DPs. *In*: WETZELS, Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (EDS). **The handbook of Portuguese Linguistics**, p.254-274, 1. ed. John Wiley & Sons, Inc., 2016.

CARDOSO, Paula Fernanda Eick. **Os adjetivos nos sintagmas nominais do português brasileiro**. 2023. 98 f. Tese (Promoção funcional em Letras) - Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

CASTRO, Laura Miranda. **A influência da língua materna na produção de textos em língua inglesa de alunos do curso de letras do IEAA - UFAM**. 2017. 96 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6050>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CINQUE, Guglielmo. On the Evidence for Partial N-Movement in the Romance DP. *In*: CINQUE, Guglielmo; KOSTER, Jan; POLLOCK, Jean-Yves.; RIZZI, Luigi. **Paths Towards Universal Grammar**. Washington (D.C.): Georgetown University Press, 1994, p. 85-110.

CINQUE, Guglielmo. **The Syntax of Adjectives: a Comparative Study**. Cambridge: MIT Press, 2010.

COOK, Vivian. Introduction: The changing L1 in the L2 user's mind. Tradução de Beatriz Shizue Chayamiti. *In*: COOK, Vivian (Ed.). **Effects of the Second Language on the First**. Multilingual Matters, Clevedon, 2003.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; CANATO, Ana Paula Marques Beato. A Influência do Português como Língua Materna no Processo de Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira: A Questão do Sujeito Gramatical. **Revista Investigações**, Pernambuco, v. 18, n. 2, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1487>. Acesso em 20 mar. 2023.

FERREIRA, Renan Castro. **Similaridades translinguísticas entre português e inglês e os phrasal verbs: a percepção de aprendizes de inglês-LE**. 2018. 135 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

GROSJEAN, François. Bilinguismo individual. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. **Revista UFG**, Ano X, nº 5, p. 163-176, dezembro 2008.

LUQUE AGULLÓ, Gloria. Unintentional Reverse Transfer from L2 (English) to L1 (Spanish) em Tertiary Levels. **International Journal of English Studies**, Universidad de Murcia, v. 20, n. 3, p. 57-76, 2020. Disponível em: <https://revistas.um.es/ijes/article/view/406901>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MACKEY, William F. The Description of Bilingualism. *In*: FISHMAN, Joshua A. **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, 1968.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilíngue, eu? Representações de sujeitos bilíngues falantes de português e inglês. **Revista X**, Curitiba, v. 2, p. 243-263, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/28181>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MENUZZI, Sergio. **Sobre a Modificação Adjetival do Português: uma teoria da projeção dos adjetivos**. 1992. 202 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1992.

MOZZILLO, Isabella. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. *In*: VETROMILLE-CASTRO, Rafael; HAMMES, Walney Joelmir. **Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira**. Pelotas: Educat, 2001. p. 289-325. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/Transformando_a_Sala_de_Aula.pdf. Acesso em: 11 jun. 2022.

NASCIMENTO, Kaline Brasil Pereira; BRANCO, Sinara de Oliveira. A influência da língua materna em aulas de língua inglesa de uma escola de idiomas: um estudo de caso. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 13, n. 1, p. 22-33, 2013. Disponível em:

<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/251>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PERINI, Mario. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

PRIM, Cristina de Souza. Os adjetivos qualificativos presentes nos DPs referenciais do português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 9-43, 2017. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10939>. Acesso em 10 maio 2023.

RAZKANE, Hassane; DIOUNY, Samir. Reverse transfer of metacognitive reading strategies of Moroccan trilingual learners. *In: ExLing 2021: 12th International Conference of Experimental Linguistics, 2021, Atenas. Proceedings [...]* Atenas: National and Kapodistrian University of Athens, 2021. p. 193-196. Disponível em: <https://exlingsociety.com/wp-content/uploads/2023/04/ExLing-2021-proceedings.pdf#page=203>. Acesso em 10 abr. 2024.

SANTANA, Joelton Duarte de. Transferência linguística durante o processamento bilíngue: uma análise da ordem do adjetivo em língua inglesa. Macabéa – **Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 4., 2020, p. 50-71.

SILVA, Cláudia Alves da. **Coesão e coerência na produção escrita na língua estrangeira: uma investigação da influência da língua materna**. 2006. 128 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1875>. Acesso em 20 mar. 2023.

SUN, A. [孙傲]. 2023. **Reverse transfer from L3 French to L2 English in the domain of tense/aspect among L1 Mandarin Chinese speakers**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — University of Hong Kong, Pokfulam, Hong Kong SAR. 2023.

ZARETSKY, Elena. The role of L1 and L2 reading on L1 preservation and positive cross-linguistic transfer among sequential bilinguals. **Written Language & Literacy**, v. 17, n. 1, p. 139-164, 2014.

Recebido em: Fev. 2024.

Aceito em: Abr. 2024.